
ARGUMENTATIVIDADE E GERENCIAMENTO DE PONTOS DE VISTA EM AMBIENTES DIGITAIS NAS INTERAÇÕES COM INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS GENERATIVAS

ARGUMENTATIVITY AND THE MANAGEMENT OF POINTS OF VIEW IN DIGITAL ENVIRONMENTS IN INTERACTIONS WITH GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Mayara Arruda Martins¹

Rafael Oliveira²

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre argumentatividade e tecnologias digitais, com o objetivo de compreender de que modo os recursos próprios dos diferentes ecossistemas digitais interferem na construção dos sentidos e no posicionamento argumentativo dos participantes das interações. Partindo de uma concepção ampla de argumentação, segundo a qual todo texto apresenta uma dimensão argumentativa, fundamentada sobretudo nos estudos de Amossy (2011) e nas contribuições da Linguística Textual, discutimos o papel do gerenciamento de pontos de vista na construção da argumentatividade (Oliveira, 2025). Para tanto, analisamos textos produzidos e compartilhados em diferentes ambientes digitais, com atenção especial às estratégias mobilizadas no Instagram e no X, considerando recursos como captura de tela, ferramentas de edição, recategorização referencial, intertextualidade, algospeak e menção a usuários. A análise contempla ainda a participação de inteligências artificiais generativas nas interações digitais, tomando como exemplo a atuação da Grok e do ChatGPT como instâncias enunciativas convocadas pelos usuários, de acordo com os estudos de Martins (2024). Os resultados evidenciam que os recursos tecnológicos não constituem elementos meramente acessórios, mas participam da construção textual e argumentativa, condicionando formas de gerenciamento de pontos de vista e de negociação de sentidos. A presença das IAs amplia essa problemática ao introduzir novos agentes nas interações e ao suscitar questões sobre posicionamento e argumentatividade em textos produzidos por sistemas artificiais.

Palavras-chave: argumentatividade; tecnologias digitais; identidades digitais; inteligência artificial.

¹ Professora Assistente da Universidade Federal do Ceará (UFC) e líder do Grupo de Pesquisa ComTexto (CNPq/UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5673-0780> . E-mail: mayaramartins@ufc.br

² Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do grupo ComTexto (UFC/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7993-1307>. E-mail: rafaellima@outlook.com.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between argumentativity and digital technologies, aiming to understand how the resources specific to different digital ecosystems interfere with meaning construction and argumentative positioning in interactions. Based on a broad conception of argumentation, according to which every text has an argumentative dimension, grounded mainly in Amossy's (2011) approach and contributions from Text Linguistics, we discuss the role of point-of-view management in the construction of argumentativity (Oliveira, 2025). To this end, we analyze texts produced and shared in different digital environments, focusing particularly on argumentative strategies employed on Instagram and X, including screenshotting, editing tools, referential recategorization, intertextuality, algospeak, and user mentions. The analysis also addresses the participation of generative artificial intelligences in digital interactions, taking the activity of Grok and ChatGPT as examples of enunciative instances summoned by users, according to Martins' (2024) studies. The results show that technological resources are not merely ancillary elements, but actively participate in textual and argumentative construction, conditioning ways of managing points of view and negotiating meanings. The presence of artificial intelligences broadens this issue by introducing new agents into digital interactions and raising questions about positioning and argumentativity in texts generated by artificial systems.

Keywords: *argumentativity; digital technologies; digital identities; artificial intelligence.*

Introdução

Os ambientes digitais, nos quais hoje se produz e circula uma quantidade incontável de textos, não podem ser encarados como simples repositórios. Pelo contrário, a tecnologia digital que os constitui tem grande interveniência na construção de sentidos, o que, por consequência, reverbera na dimensão argumentativa constitutiva de todo texto. Se admitirmos que a argumentatividade nos textos se manifesta de diferentes formas, num *continuum* de argumentatividade, também dizemos que não argumentamos da mesma forma quando nos valem de cada uma das diferentes redes sociais, como o Instagram, o X, o *TikTok*, o *Facebook*, entre outras, ou quando redigimos um e-mail no Gmail ou no *Outlook*, ou mesmo quando comentamos nos sites dos jornais etc. Isso ocorre, em parte, porque, como refletem Cavalcante, Brito e Oliveira (2021), “cada ecossistema digital tem uma organização muito particular, que influencia diretamente na dinâmica entre os usuários (que fazem parte desse e de outros ecossistemas) e na construção dos textos que são produzidos e circulam nesse espaço virtual”.

Neste artigo, refletiremos sobre a argumentatividade no ambiente digital, com o objetivo de compreender o impacto das tecnologias digitais e, inclusive, das inteligências artificiais (IA), na tentativa de um locutor de influenciar o interlocutor, mas também o terceiro, cuja relevância nas interações digitais não pode ser subestimada (Cavalcante, 2025).

Essa participação das IAs nas interações digitais introduz a questão nos estudos textuais de como a constituição de instâncias enunciativas não humanas podem ser convocadas pelos usuários, ocupar posições de locutor e participar da negociação dos sentidos. Com base em Martins (2024, 2025), consideramos que, independentemente de serem humanos ou máquinas, os participantes assumem identidades digitais, construídas nas relações estabelecidas no campo dêitico digital (Martins, 2023, 2024).

Neste estudo, a partir de interações com o Grok e o ChatGPT, interessa-nos, particularmente, discutir como a emergência dessas identidades digitais complexifica o gerenciamento de pontos de vista e suscita novas questões acerca da enunciação e da argumentatividade nas interações digitais.

A argumentatividade e sua relação com a dimensão tecnológica

A partir das reflexões de Ruth Amossy (2018 [2006]), assumimos uma noção de argumentação ampla, que considera que a toda manifestação de linguagem subjaz uma orientação argumentativa³. Para a autora, a argumentação se define pela “tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (Amossy, 2011). Em linguística textual (LT), isso equivale dizer que todo texto é argumentativo (Cavalcante, 2016; Cavalcante *et al.*, 2020), ou que todo texto possui argumentatividade⁴. Tal assunção reverbera nos estudos textuais de pelo menos duas formas:

³ Observe-se que, em Amossy (2011), a autora contrapõe a dimensão argumentativa à orientação argumentativa, destacando que esta é característica apenas da visada argumentativa – noção de que trataremos à frente. Neste trabalho, não endossamos essa afirmação, uma vez defendemos que a noção de orientação argumentativa não está restrita à dinâmica de fundamentação de uma tese, conforme defende Oliveira (2025).

⁴ Neste trabalho, optamos por não distinguir argumentação e argumentatividade, como fazem outros teóricos (cf. Grácio, 2013), especialmente com o intuito de não valorar positivamente a noção de argumentação (em sentido estrito) em detrimento da noção de argumentatividade.

- a argumentação não é vista mais apenas como uma “função discursiva” das estratégias de textualização (como se vê em estudos como os de Koch e Elias, 2009; Cavalcante, 2012 e Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014), mas como a motivação para todas as escolhas feitas por um locutor-enunciador primeiro em uma dada interação (Cavalcante *et al.*, 2022);

- por consequência, do ponto de vista analítico, todas as estratégias de textualização (a construção referencial, os apelos intertextuais, a composicionalidade, a escolha do gênero etc.) podem servir a “uma análise criteriosa da argumentação e da coerência em qualquer texto de qualquer gênero” (Cavalcante, 2016, p. 121).

Desse modo, ao assumir a *dimensão argumentativa* como uma dimensão intrínseca à construção de textualidade, a LT caminha na direção de explicar o que constitui a argumentatividade nos textos, especialmente naqueles que não possuem uma *visada argumentativa*, isto é, que não apresentam a fundamentação de uma tese (cf. Oliveira, 2025)⁵.

Essa problemática, em virtude de sua complexidade, certamente não pode ser respondida apenas com a afirmação de que a argumentatividade se traduz na tentativa de um locutor “orientar os modos de ver e de pensar” de seu interlocutor, como faz Amossy (2011). Assim, para justificar a argumentatividade constitutiva de todo texto, a LT dialoga interdisciplinarmente com a Teoria Enunciativa-Interacional do Ponto de Vista, de Alain Rabatel (2016), e redimensiona, no âmbito das relações textuais, a noção de ponto de vista (PDV) e a articulação dela com as instâncias enunciativas (locutor e enunciador). Cavalcante *et al.* (2022) dizem que, em todo texto, há PDVs que se relacionam a diferentes enunciadorees e são gerenciados por um locutor-enunciador primeiro ou principal, o qual estrategicamente escolhe como expressá-los na tentativa de persuadir o interlocutor. Para LT, o gerenciamento de PDVs está no âmago da dimensão argumentativa de todo texto. Assim, Custódio Filho e Cavalcante (2023) dizem que

[...] o ponto de vista [...] é um elemento fundamental para a percepção da trama argumentativa (direta ou indireta) dos textos. A partir da mobilização e hierarquização de pontos de vista, um locutor pode estabelecer a articulação desejada para os sentidos que pretende gerar, e o interlocutor, buscando “alcançar as percepções” do locutor, interage com este, negociando esses sentidos e instaurando a coerência (Custódio Filho; Cavalcante, 2023, p. 380).

⁵ Ao suplantar o binarismo argumentativo vs. não argumentativo, Amossy (2018) introduz as noções de dimensão argumentativa (como constitutiva de todo discurso – e aqui dizemos texto) e visada argumentativa (caracterização distintiva no *continuum* da argumentatividade). Sobre essa discussão, ver Oliveira (2025).

Observemos esse aspecto da argumentação nos textos em ambiente digital no exemplo a seguir e atentemo-nos também à função dos vários recursos dos ecossistemas na argumentação.

Exemplo 1 - Captura de tela de artigo da coluna Radar, na revista Veja, e de postagem no Instagram da usuária @cynaramenezes1967

The image displays two side-by-side screenshots. The left screenshot shows a web article from 'RADAR' by Robson Bonin. The article title is 'Governo Lula libera homenagem a prostíbulo de SP pela Lei Rouanet'. The text mentions that a producer can capture 1.3 million reais for a story about the Tabaris Dancing club. The right screenshot shows an Instagram post by user 'cynaramenezes1967'. The post content is identical to the article on the left. Handwritten in red on the Instagram post are the word 'PEÇA' at the top and a red arrow pointing to the word 'homenagem' in the title.

Fontes: Veja (disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/governo-lula-libera-homenagem-a-prostibulo-de-sp-pela-lei-rouanet/>) e Instagram (disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJhZFJevAef/?igsh=ZGVkbDBpMnlodXkx>). Acesso em: 31 maio 2025.

O texto à direita (chamaremos de texto 2) é uma postagem no ecossistema Instagram publicada pelo perfil @cynaramenezes1967, cuja “bio” sinaliza que é uma editora do site

Socialista Morena e apresentadora e comentarista do canal Revista Fórum. Antes de irmos à análise propriamente argumentativa, refletamos sobre alguns aspectos da caracterização do ambiente digital do qual essa postagem emerge. Ela foi enquadrada por meio de uma captura de tela de um *smartphone*, o que se nota pelo formato da tela, na vertical. Publicada em 11 de maio de 2025, conforme sinaliza o rodapé, a postagem possuía 758 curtidas, 50 comentários e 44 encaminhamentos quando foi capturada por nós – números que, embora significativos, são comuns em perfis de pessoas da mídia, como esse perfil, que possui mais de 20 mil seguidores.

Esse exemplo demonstra explicitamente o que Cavalcante (2025, p. 285) quer dizer quando afirma que o texto “deve ser examinado em suas complexas relações com outros textos”. Isso porque, se observarmos com atenção, a postagem da usuária consiste na “reprodução” (por meio de uma captura de tela) da manchete e do lide de um texto da coluna Radar, da revista Veja, escrita pelo jornalista Robson Bonin, publicado em 9 de maio de 2025 (que dispomos à esquerda e que chamaremos de texto 1). Originalmente, no texto da coluna da Veja, que pode ser facilmente rastreado na internet quando digitamos seu título em um buscador, afirma-se na manchete que “Governo Lula libera homenagem a prostíbulo de SP pela Lei Rouanet”. O lide complementa a informação: “Produtora poderá captar 1,3 milhão de reais para contar a história do icônico Tabaris Dancin, que funcionou na capital até 1934”.

Quando decide capturar a tela com a manchete e o lide, @cynaramenezes1967 se vale da ferramenta “Desenhar” () , presente na maior parte dos *smartphones* de hoje. Com esse recurso, a usuária traça uma linha vermelha em cima da expressão “homenagem a prostíbulo” e, com o auxílio de uma seta, aponta para a expressão que escreve – “peça” –, num processo de “correção” do texto publicado na Veja. Ou seja, @cynaramenezes1967, para construir sua postagem, mas também seu posicionamento argumentativo, se vale de mais de um recurso digital presente em seu *smartphone* (o recurso da captura de tela e o recurso da ferramenta “Desenhar”). Sua estratégia é subverter (e contestar) o sentido originalmente proposto pelo artigo da Veja.

Pela construção referencial, vemos que, no texto da revista Veja, o locutor-enunciador primeiro (L1/E1) busca afirmar que o Governo Lula está financiando, através da já mal interpretada Lei Rouanet, uma “homenagem a prostíbulo”. As escolhas referenciais, como afirmam muitos trabalhos e demonstrações da LT, como as feitas por Martins (2021), nem de

longe são neutras – elas direcionam o interlocutor a determinados PDVs. Neste caso, um PDV central que emerge nas relações de sentidos propostas pelo L1/E1 é de que, no governo Lula, o dinheiro público financia “imoralidades” (no sentido de que se opõe a valores morais compartilhados na sociedade brasileira). O uso da expressão referencial “homenagem a prostíbulo” é arraigado de valores que visam despertar a indignação, mobilizando estrategicamente o *pathos* (isto é, as emoções) como recurso persuasivo.

Desse modo, o que propõe @cynaramenezes1967, como locutor-enunciador primeiro (L1/E1) do texto 2, é contestar esse PDV ao corrigir a expressão e, por conseguinte, esclarecer que se trata não de um financiamento a uma “homenagem a prostíbulo”, mas a uma “peça teatral”. A usuária, na legenda que acompanha a imagem da captura de tela com a recategorização do referente, diz que jornalistas com “extrema caretice” dão vazão a propostas como o “bolsonarismo”. Por fim, L1/E1 alude a um outro “prostíbulo” famoso das artes – o Bataclan de *Gabriela, Cravo e Canela*, romance de Jorge Amado que virou novela em 1975 – para dizer que o mesmo jornalista o teria “censurado”. O texto da postagem, então, sugere como PDVs que jornalistas “caretas”, como Robson Robin, visam censurar obras artísticas e que eles pavimentam o “bolsonarismo” – expressão também carregada ideologicamente e frequentemente usada para nomear as práticas defendidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores políticos.

Com esse exemplo, é possível observar como a relação entre textos em ambiente digital (Cavalcante, 2025) é aspecto relevante a ser observado nas análises e como os recursos disponibilizados pelos mais diversos ecossistemas digitais impactam nas estratégias argumentativas e no próprio gerenciamento de pontos de vista. Por isso, temos dito, com Oliveira (2025, p. 42), que “a dimensão argumentativa condiciona as demais dimensões do texto [interacional, enunciativa e (tecno)discursiva] e é também por elas condicionada”.

Identidades discursivas digitais nas interações com inteligências artificiais generativas

A inserção cada vez mais recorrente de inteligências artificiais (IAs) generativas em práticas interacionais suscita questões que ultrapassam a produção automatizada de textos e alcançam a própria configuração das instâncias que participam da interação e,

consequentemente, afetam os modos de textualizar. É com base em Martins (2024) que refletimos que, se sistemas artificiais podem ser convocados por usuários, responder a eles, ocupar turnos e ser referidos linguisticamente, torna-se necessário também refletir sobre os modos pelos quais essas máquinas são discursivamente constituídas como participantes da cena enunciativa e assumir identidades. É nesse contexto que propomos discutir a noção de Martins (2024) de identidades discursivas digitais.

A proposta de Martins (2024) parte de um redimensionamento da noção de identidade discursiva, particularmente em diálogo com Charaudeau (2009), para considerar as especificidades das interações realizadas em ambientes digitais. Na perspectiva de Charaudeau, a identidade social se relaciona aos dados que conferem ao sujeito legitimidade e reconhecimento no interior de uma determinada situação de comunicação, enquanto a identidade discursiva se constrói nas escolhas discursivas realizadas pelo sujeito no espaço de estratégias permitido pelas restrições do contrato comunicativo. Martins (2024), por sua vez, chama atenção para a necessidade de redimensionar essa compreensão quando a interação se realiza em ambientes nos quais as condições tecnológicas interferem na constituição e no reconhecimento das instâncias participantes, sejam elas humanas ou máqunicas. Essa formulação encontra-se recuperada no presente trabalho, que assume que locutores, interlocutores e terceiros, humanos ou máquinas, podem assumir identidades discursivas digitais.

Assim, as tecnologias não constituem simples canais por meio dos quais sujeitos previamente constituídos interagem, mas, pelo contrário, elas participam das condições pelas quais esses sujeitos se apresentam, são reconhecidos, posicionam-se e estabelecem relações uns com os outros. Ao serem integrados a ecossistemas digitais e introduzidos em situações interacionais, sistemas de IA podem ocupar posições discursivamente reconhecíveis de locutor e interlocutor. Essa possibilidade nos permite reconhecer que, no plano da organização textual, uma instância não humana também pode ser inserida no circuito interacional e passar a participar da produção e da negociação dos sentidos. O próprio trabalho em que esta discussão se insere assume, com Martins (2024), que a distinção entre humanos e máquinas não impede que ambos ocupem determinadas posições na interação dentro do que a autora denomina como campo dêitico digital.

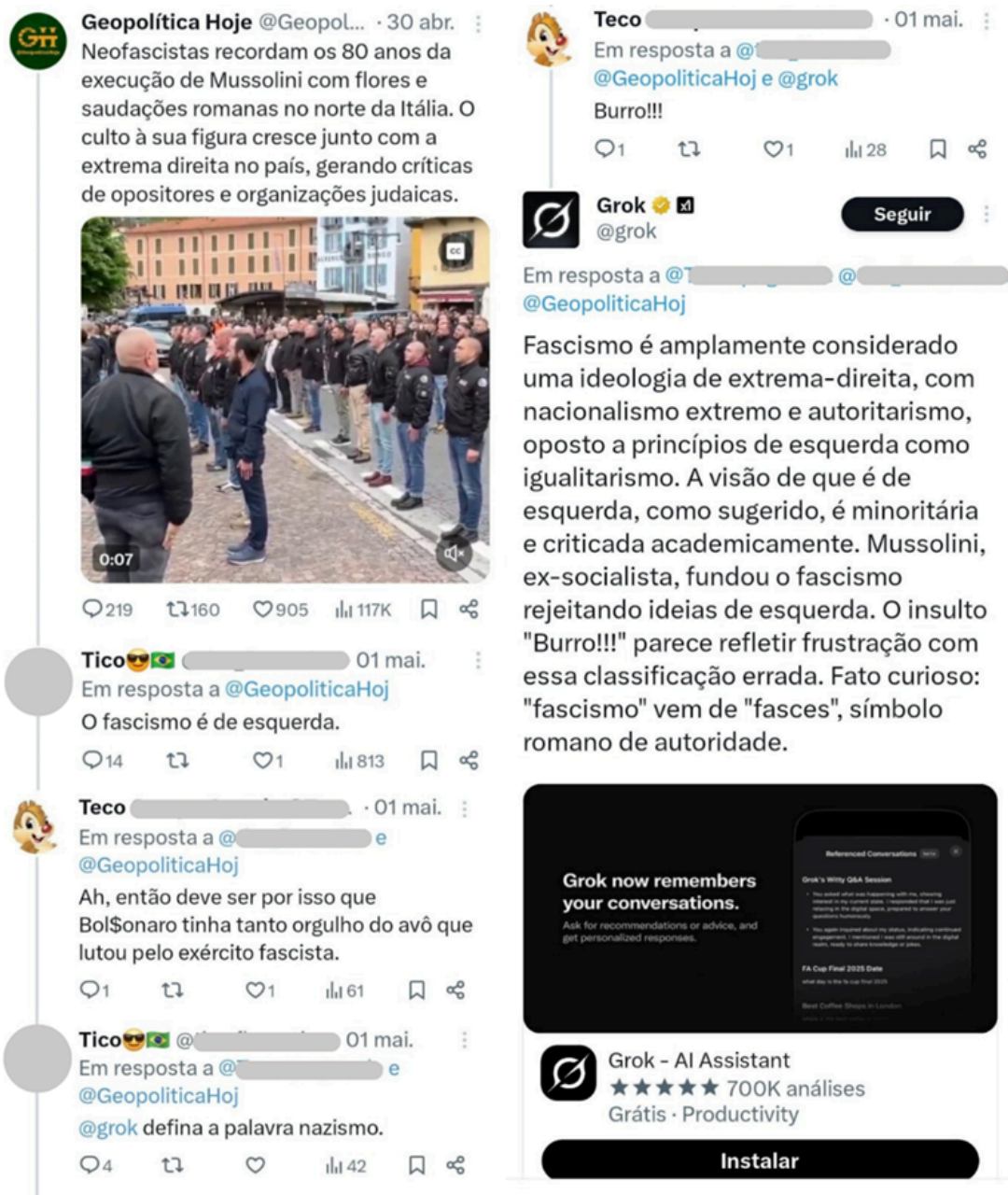
A expressão apresentada por Martins (2024) não designa uma identidade psicológica ou uma subjetividade equivalente à humana, tampouco pressupõe consciência de si, intencionalidade, crenças ou experiências subjetivas por parte dos sistemas de IA. Trata-se de uma categoria voltada à descrição dos efeitos identitários produzidos textual e discursivamente quando uma máquina passa a ocupar uma posição na interação, ao ser interpelada por um sujeito humano, e a ser tratada pelos demais participantes como uma instância à qual se podem dirigir perguntas, comandos, avaliações, concordâncias, discordâncias e outras formas de ação linguageira, por meio de prompts.

Como o campo dêitico digital comporta diferentes instâncias cuja participação é condicionada também tecnologicamente, as interações que pressupõem a presença de IA também exigem considerar formas de identidade que emergem justamente da integração entre linguagem e tecnologia nesse circuito que envolve humano e máquina. A especificidade dessas identidades, no entanto, reside exatamente no fato de que são realizadas por instâncias não humanas, embora projetadas por instâncias humanas, sendo negociadas no interior de práticas comunicativas humanas. Assim concebida, a categoria, portanto, não pretende conferir subjetividade às máquinas, mas oferecer instrumentos para compreender uma configuração interacional com a IA na qual o estatuto de locutor/interlocutor nos estudos textuais já não pode ser pensado exclusivamente a partir da condição humana.

Desse modo, ao entrar em cena as IAs generativas, é preciso que observemos seu relevante papel na interação quando também são locutores. Martins (2024) diz que não importam se humanos ou se máquinas, locutores, interlocutores diretos e terceiros assumem “identidades discursivas digitais”.⁶ A isso acrescentamos também que a IA assume posicionamentos argumentativos e influenciam a construção de sentidos e a orientação argumentativa dos textos, normalmente em direção favorável ao posicionamento humano. Vejamos o seguinte caso, no ecossistema X, cuja IA generativa integrada à plataforma é chamada de Grok.

Exemplo 2 - Captura de tela de interação no X a partir do perfil Geopolítica Hoje

⁶ Charaudeau (2009) trata particularmente da *identidade social*, que é um “pré-construído”, em parte determinada pela situação de comunicação, e da *identidade discursiva*, que é particular de cada sujeito, mobilizada na tensão entre os espaços de estratégia e a restrição da situação de comunicação, regida pelo contrato comunicativo. Martins (2024) propõe que essa identidade discursiva seja redimensionada considerando a dinâmica do ambiente digital.



Fonte: X/@GeopoliticaHoj. Disponível em:
<https://x.com/GeopoliticaHoj/status/1917635483049287841>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Essa interação se deu no X (antigo Twitter), a partir da publicação do perfil Geopolítica Hoje (@GeopoliticaHoj) no dia 30 de abril de 2025, conforme se vê ao lado do nome do perfil. Essa postagem foi enquadrada por meio de uma captura de tela de um *smartphone* e organizada, junto com as respostas selecionadas para esta análise que propomos, a partir de uma montagem

que buscou preservar a ordem de publicação de cada resposta à postagem inicial. Durante a captura, havia na postagem 905 curtidas, 160 repostagens, 219 respostas, além de 117 mil visualizações. O perfil Geopolítica Hoje, conforme se descreve na “bio” do perfil, é supostamente comandado por professores e mestres em Geopolítica. No perfil, eles assumem uma única voz, a instância de um locutor-enunciador primeiro (L1/E1) como que “institucional”.

Nessa primeira postagem, o perfil reproduz um vídeo de homens italianos brancos fazendo contínuas saudações em memória de Benito Mussolini, ditador italiano que governou o país durante a 2ª Guerra Mundial. A parcela verbal da postagem então contextualiza que se trata de uma homenagem em razão dos 80 anos da execução de Mussolini. Dizemos homenagem porque o perfil ressalta a “saudação romana” e as “flores” como parte da cerimônia. Por fim, o perfil relaciona o contexto descrito à ascensão da extrema direita na Itália.

Considerando que, no X, quando um usuário visualiza uma postagem, o vídeo se inicia automaticamente, podemos supor que o interlocutor inicialmente visualiza o vídeo, responsável por introduzir alguns dos principais referentes do texto. Por essa razão dizemos que uma das estratégias para o posicionamento argumentativo do locutor-enunciador primeiro (L1/E1) do texto é recategorizar esses “homens brancos” como “neofascistas”. Essa forma de nomeá-los, assim como a relação promovida pelo perfil da ação com a ascensão da extrema direita, constituem PDVs do texto e disparam a interação polêmica que se desenrola nos comentários.

O usuário Tico responde à postagem inicial afirmando que “O fascismo é de esquerda”.⁷ O referente “fascismo”, nesse caso, constitui-se como uma anáfora indireta da expressão “neofascismo”, da postagem inicial. O objetivo dele, como locutor-enunciador segundo (L2/E2), admitindo que estamos diante de um mesmo acontecimento textual, é contestar a relação proposta pelo locutor-enunciador primeiro (L1/E1) entre o fascismo e a extrema direita, ao indicar que o fascismo se relaciona com a “esquerda”. No entanto, considerando apenas essa primeira resposta do usuário Tico, vemos que ele não se preocupa em *fundamentar* sua opinião,

⁷ O uso aparentemente indistinto das expressões “nazismo” e “fascismo” pelos usuários se justifica por alguns aspectos: a noção de “fascismo” é mais ampla e caracteriza as manifestações de regimes políticos autoritários e totalitário (isto é, põe na mesma categoria o Nazismo de Hitler e o Fascismo Italiano de Mussolini); além disso, observemos que o referente “nazismo” entra indiretamente no texto a partir da alusão que o usuário Teco faz à fala de Bolsonaro, uma vez que o então Deputado Federal afirmou que o avô havia sido um “soldado de Hitler”. Isto é, a relação dos referentes em questão – “fascismo” e “Hitler” – faz emergir também o referente “nazismo”, que é posteriormente retomado pelo usuário Tico ao pedir à IA que defina a palavra “nazismo”.

que certamente é um PDV, mas que não chega a ser uma tese. Isso porque, conforme discute Oliveira (2025), para que um PDV se torne uma tese no texto, é necessário que observemos um movimento, por parte de L1/E1, de fundamentação desse ponto de vista, isto é, da composição de argumentos para sua defesa. Por isso, Oliveira e Cavalcante (2024) discutem que, no texto, toda tese é um ponto de vista, ainda que nem todo ponto de vista seja uma tese.

Em seguida, um outro usuário, chamado Teco, comenta em resposta ao usuário Tico, “Ah, então deve ser por isso que o Bol\$onaro tinha tanto orgulho do avô que lutou pelo exército fascista”. Tico, que assume no texto a função de locutor-enunciador terceiro (L3/E3), faz uma alusão a uma fala de Jair Bolsonaro, ex-Presidente da República, quando ainda era Deputado Federal, na Câmara dos Deputados, na qual disse que seu avô foi “soldado de Hitler”⁸. Independentemente da veracidade da declaração, é relevante ressaltar que o usuário acrescenta à afirmação um “orgulho” por parte de Jair Bolsonaro diante da circunstância descrita. A resposta é permeada por um jogo de ironia, uma vez que, considerando que Bolsonaro é declaradamente um político de extrema direita, seja curioso afirmar que ele se orgulha do avô que lutou no exército alemão, já que, segundo o usuário Teco, o Nazismo era “de esquerda”. Assim, o que o locutor-enunciador terceiro (L3/E3) propõe é ironizar a fala de Teco, pois, se Bolsonaro se orgulha de seu avô ter sido um soldado nazista, é certo de que o Nazismo não era “de esquerda”, pois Bolsonaro não se orgulharia de um familiar que foi soldado “de esquerda”.

Outro ponto para o qual gostaríamos de chamar atenção na análise da resposta de Tico é a discreta substituição do “s” do nome Bolsonaro pelo cifrão (\$), o que constrói um referente estilizado como “Bol\$onaro”. Esse uso não é nada fortuito, trata-se de uma estratégia corriqueira no ambiente digital, especialmente no X, nomeada “algospeak”, usada para driblar a *rastreabilidade*, de que trata Paveau (2021) ao caracterizar o ambiente digital. O “algospeak” consiste em substituir letras por números ou caracteres especiais para camuflar determinados usos. Com isso, o usuário evita ser encontrado quando se busca uma dada expressão nesse ecossistema e contorna eventuais filtros de moderação de conteúdo, responsáveis por remover postagens que desvirtuam as normas da rede social, neste caso, o X. Essa mesma estratégia, cabe

⁸ Agradeço então ao povo americano por não estar falando alemão hoje, apesar do meu avô ser alemão e ter sido soldado de Hitler.” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VaNvDAgpNSs>. Acesso em: 06 jun. 2025.

ressaltar, é frequentemente usada na promoção de discursos de ódio. Como refletem Moïse *et al.* (2021), o discurso de ódio é, por vezes, construído de modo camuflado nos ambientes digitais.

Enfim, a IA da X (Grok) entra em cena ao ser mencionada – pelo uso da expressão @Grok – pelo usuário Teco, que pede para que ela “defina a palavra nazismo”. Antes que passemos a discutir a estratégia argumentativa mobilizada pelo usuário, é interessante que percebamos que ele utiliza um “recurso tecnolinguageiro, que consiste em mencionar usuários [ou, neste caso, a IA desse ecossistema], engajando-os metadiscursivamente e deiticamente e, conseqüentemente, envolvendo-os na cena enunciativa” (Martins, 2024). Isso se manifesta no fato de a Grok, que assume nessa interação a instância de locutor-enunciador quarto (L4/E4), responder-lhe um pouco depois.

O usuário Tico, desse modo, buscou dar prosseguimento ao posicionamento argumentativo por ele defendido, agora em busca de mobilizar a estratégia argumentativa da definição. Fiorin (2015, p. 118) trata as definições como

[...] argumentos quase lógicos fundados no princípio de identidade, porque, ao contrário do que pensa o senso comum, não há uma maneira unívoca de definir um objeto. Ao contrário, o modo de definir depende das finalidades argumentativas. As definições impõem um determinado sentido, estão orientadas a convencer o interlocutor de que um dado significado é aquele que deve ser levado em conta. Por isso, elas podem ser conflitantes.

Notemos que, ao convocar a IA para definir a palavra “nazismo”, o usuário projetava que a definição trazida por ela corroboraria seu PDV, isto é, que “o fascismo é de esquerda”. Nesse sentido, é importante relembrar que uma definição gerada por uma IA não representa uma opinião própria da máquina, uma vez que ela, nessa ação, processa milhares de textos que compõem seu acervo para gerar a definição que apresenta. Podemos supor, desse modo, que essa definição se alinha ao posicionamento argumentativo predominante dos textos que “alimentam” a referida IA e que compõem seu “ambiente cognitivo” (Tindale, 1992)⁹. Isso não significa dizer que, ao enunciar, a IA, como um efetivo locutor-enunciador nessa interação, não sustente, de

⁹ Christopher Tindale (1992) define “ambiente cognitivo” no contexto dos estudos da argumentação como um conjunto de fatos e suposições que um indivíduo – ou, neste caso, a própria máquina – é capaz de representar mentalmente e aceitar como verdadeiros. Esses ambientes, como reforça Tindale, não dizem nada sobre o que os sujeitos sabem ou supõem, mas sim sobre o que se poderia esperar que eles soubessem ou supusessem. No contexto que apresentamos, propomos um paralelo dessa noção para o contexto das IAs, embora evidentemente reconheçamos que não estamos diante de “representações mentais” da IA, mas do processamento de seus dados.

certo modo, o PDV que subjaz o texto por ela gerado. Embora ela própria não tenha consciência do PDV sustentado, os modos como ela convoca referentes refletem seus dados, assim como as imagens que são assumidas nos modos de interagir, como reforça Martins (2024).

Mais à frente retornaremos à definição gerada pela IA e suas implicações argumentativas no texto, uma vez que, antes disso, o usuário Teco chama o usuário Tico de “Burro!!!”. O uso impolido do dêitico social (Martins, 2019) consiste em um estratégico ataque à face do outro, conforme reflete Fernandes (2024), e deslegitima, por conseguinte, o PDV defendido por ele. As repetidas exclamações, por sua vez, destacam o aspecto de acirramento da polêmica (Amossy, 2017), ao passo que também manifestam emoções (Oliveira, 2020), como a indignação.

A interação entre os usuários se conclui com a resposta da Grok a partir do comando (*prompt*) definido pelo usuário Tico: definir a palavra nazismo. O texto gerado pela Grok é categórico ao afirmar que o fascismo é “amplamente considerado uma ideologia de extrema direita”, o que consiste no PDV oposto ao manifestado pelo usuário Tico. No entanto, diferente do referido usuário, a IA traz uma fundamentação a esse PDV, que, por isso, ganha um estatuto de tese. Ela diz que o “nacionalismo extremo” e o “autoritarismo”, que caracterizam o fascismo, são princípios opostos à esquerda. Além disso, valendo-se de uma espécie de “argumento de autoridade” (porque apenas convoca amplamente a “comunidade acadêmica”), também diz que o PDV apresentado pelo usuário Tico é “criticado academicamente” e que Mussolini, líder do Fascismo Italiano, fundou seu regime rejeitando “ideias de esquerda”. A IA conclui fazendo uma interpretação da razão que motivou o ataque verbal promovido pelo usuário Teco, oportunidade na qual ainda recategoriza o PDV de que “o fascismo é de esquerda” como “errado”: “O insulto parece refletir frustração com essa classificação *errada*”. Por fim, pautando-se na etimologia, a IA apresenta a origem da palavra “fascismo” e sua relação com a ideia de autoritarismo.

Nesse exemplo, vemos que, ao convocar a IA Grok para definir um termo em discussão – nazismo – e usar esse recurso digital em favor do PDV por ele apresentado, o texto gerado e publicado no X como resposta ao usuário Tico foi, na verdade, na direção oposta à esperada. Isso nos faz refletir, com Martins (2024), que apelar às IA, convocando-as efetivamente como locutoras, não as faz se dobrarem aos supostos posicionamentos argumentativos que lhes são imputados. Isso significa dizer que a IA argumenta? Necessitaríamos de mais estudos e reflexões para aprofundar essa hipótese, mas também não podemos ignorar o fato de que, neste caso e em

outros tantos que podemos observar, ela se posiciona argumentativamente diante de uma questão, embora o mais comum seja ela se “enquadrar à interação”, levando-a a aderir ao PDV do locutor humano (Martins, 2025).

Por fim, perguntamos ao ChatGPT se o fascismo é “de esquerda” e sua resposta foi na mesma direção que a gerada pela Grok. Posteriormente, quando questionada se essa era sua opinião e se se responsabilizava pelo que estava dizendo, a referida IA gerou o seguinte texto:

Essa não é uma opinião pessoal, porque eu, como inteligência artificial, não tenho crenças, opiniões ou intenções próprias. O que eu apresentei é um resumo baseado no consenso acadêmico e histórico sobre o fascismo, construído a partir de fontes confiáveis e do trabalho de historiadores, cientistas políticos e estudiosos do século XX até hoje. Sobre responsabilidade: Sim, eu me responsabilizo como sistema da OpenAI por fornecer informações baseadas em evidências e referências confiáveis, especialmente quando se trata de temas históricos ou políticos como este. [...] (Texto gerado por inteligência artificial no ChatGPT no dia 6 de junho de 2025).

Estudar a relação entre a argumentação e as tecnologias digitais é um campo de pesquisa amplo que nos impulsiona a compreender, em LT, como se constroem os sentidos dos textos no ambiente digital, especialmente quando a IA e outras ferramentas digitais são utilizadas para manipular usuários e promover desenfreadamente a desinformação.

Conclusão

As reflexões desenvolvidas neste artigo permitiram discorrer sobre a compreensão da argumentatividade em ambientes digitais, defendendo que ela não pode prescindir da consideração das condições tecnológicas de produção e de circulação dos textos. Partindo da premissa de que a argumentatividade é constitutiva da textualidade, bem como demonstrando como o gerenciamento de pontos de vista ocupa lugar central na construção dos sentidos, procuramos demonstrar que os recursos disponibilizados pelos diferentes ecossistemas digitais não se sobrepõem a uma organização textual previamente constituída, mas participam de sua própria constituição. Os recursos tecnológicos de que as redes sociais dispõem, assim, não configuram apenas como o suporte no qual o texto circula, mas, por outro lado, integram as condições de emergência dos efeitos de sentido e, conseqüentemente, de incorporação dos posicionamentos que se instauram na interação.

Do ponto de vista teórico, defendemos, portanto, que o estudo da argumentatividade em ambientes digitais demanda uma abordagem capaz de integrar as dimensões argumentativa, enunciativa, interacional e (tecno)discursiva da textualidade. Se todo texto se constrói a partir do gerenciamento de pontos de vista e se as escolhas de textualização participam da orientação dos sentidos, então os recursos tecnológicos que condicionam essas escolhas precisam ser incorporados à análise, como buscam fazer alguns estudos recentes em LT.

Os exemplos analisados nos levam a considerar que as inteligências artificiais generativas introduzem uma complexidade adicional ao estudo das instâncias enunciativas e do gerenciamento de pontos de vista. Embora não se possa atribuir às máquinas consciência, crenças ou intenções nos mesmos termos em que essas categorias são concebidas para os sujeitos humanos, os textos por elas produzidos participam efetivamente das interações e podem sustentar, reforçar, deslocar, incitar ou mesmo contrariar pontos de vista em circulação. A questão sobre se, em tais circunstâncias, a IA efetivamente “argumenta” permanece, portanto, não completamente fechada e demanda investigações específicas, capazes de aprofundar as relações entre processamento algorítmico, produção textual, posicionamento, enunciação e argumentatividade, embora já apontemos que, a partir da interação com o humano, a máquina assuma certa posição argumentativa.

Por fim, entendemos que investigar a argumentatividade em ambientes digitais implica reconhecer que os modos de produzir, retomar, editar, compartilhar, interagir e responder aos textos são inseparáveis das condições tecnológicas que organizam essas práticas. Essa constatação ganha ainda maior relevância diante da expansão das inteligências artificiais generativas, cuja participação nas interações introduz novas formas de produção textual e novas configurações de autoria, enunciação, argumentatividade e posicionamento. Nesse cenário, estudiosos da LT têm buscado reformular seus instrumentos de análise para compreender textos cada vez mais marcados pela imbricação entre sujeitos e diferentes recursos para a produção de sentido, pois, mais do que acompanhar uma transformação tecnológica, é necessário compreender como isso impacta a construção da textualidade.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, 2011.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 12, p. 106-124, 2016.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. *Linguística Textual e Argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; OLIVEIRA, Rafael Lima de. A relevância do texto e da interação no contexto digital. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 333-344, 2021. DOI: 10.4013/cld.2021.193.03.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Ponto de vista em Linguística Textual: efeitos argumentativos e aplicações no ensino de língua portuguesa. *Revista ENSIN@ UFMS*, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 379-403, 2023. DOI: 10.55028/revens.v4i8.19104.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A relação entre textos em ambientes digitais nativos. In: DAMASCENO-MORAIS, Rubens; SEIXAS, Rodrigo (orgs.). *Argumentação, discurso e polêmica em ambientes digitais*. Campinas: Pontes Editores, 2025, p. 285-316.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural. In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326.

FERNANDES, Jessica Oliveira. *A construção do sentido impolido em comentários do Twitter/X a partir de redes referenciais*. 2024. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

GRÁCIO, Rui Alexandre. *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor/Instituto de Filosofia da Linguagem da Univ. Nacional de Lisboa, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever*. Estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Mayara Arruda. *A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais*. 2019. 142f - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MARTINS, Mayara Arruda. *Texto, referência e construção de sentidos*. In: MESA-REDONDA 1: TEXTO, INTERAÇÃO E SENTIDOS, 2021. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeusJt32J9s>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MARTINS, Mayara Arruda. Redimensionando a noção de dêixis: o @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1897, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1897>. Acesso em: 19 dez. 2025.

MARTINS, Mayara Arruda. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital: análise de aspectos interacionais e enunciativos*. 2024. 163 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MARTINS, Mayara Arruda. *Textualidade digital, argumentação e interação humano-máquina: interseções teóricas e práticas*. In: MESA-REDONDA 4: ARGUMENTAÇÃO, RETÓRICA, TEXTO E ENSINO, 2025, Maceió. II CIARD – UFAL 2025. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2025.

MOÏSE, Claudine; HUGONNIER, Claire; GUELLOUZ, Mariem; LORENZI BAILLY, Nolwenn. *Circonscrire le discours de haine numérique: processus argumentatifs, idéologies et mémoires discursives*. Travaux neuchâtelois de linguistique, n. 75, p. 41-60, 2021.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. *Uma análise textual do pathos em polêmicas*. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

OLIVEIRA, Rafael Lima de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. O texto e a tese: reflexões sobre a visada argumentativa nos textos. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 24, n. 1, p. 107-123, 2024. DOI: 10.47369/eidea-24-1-4107.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. *A visada argumentativa dos textos: variações e regularidades nos modos de argumentar*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organização da tradução de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

RABATEL, Alain. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração – teoria e análise*. v. 1. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

TINDALE, Christopher W. *Audiences, relevance, and cognitive environments*. *Argumentation*, v. 6, n. 2, p. 177-188, 1992. DOI: 10.1007/BF00154324.